

# Dekasseguís: Famílias Transmigrantes<sup>1</sup>

Yoko Nitahara Souza

PPGAS - UnB - Brasília

Palavras chave:

Migração Internacional *Dekassegui*, Trajetórias de Famílias Transmigrantes, Identidades Nipo-brasileira, *Dekassegui* e *Utinanchu*.

## Resumo

Em 2008 a migração Japão – Brasil faz um século. O Brasil é o país que possui o maior contingente *nikkey* (nipo-descendentes) no mundo. A chamada colônia japonesa no Brasil se engajou, desde os anos 80, em um movimento migratório de retorno, denominado *Dekassegui* (‘trabalhar fora de casa’, literalmente). Esta expressão é usada pelos japoneses para pessoas que se deslocam de seu lugar de origem para trabalhar temporariamente na região industrializada do país (Tóquio, Osaka, etc). Entre os japoneses há uma forte carga pejorativa ligada ao termo, porém a expressão foi adotada pelos *nikkey* de vários países que migraram ao Japão, amparados pela lei de migração dos anos 90. Atualmente há aproximadamente 300.000 brasileiros trabalhando como mão de obra não especializada em fábricas e serviços no Japão.

Minha pesquisa foi realizada com famílias da cidade de Londrina – PR cujos membros se engajaram no movimento *Dekassegui*. Pude perceber a forma com que a experiência da migração determina uma característica negociação identitária nos *nikkey* ‘*dekassegui*’ quando comparados aos demais *nikkey* brasileiros. É marcante também a influência do movimento *dekassegui* nas reconfigurações familiares e nas perspectivas profissionais e educacionais de jovens *nikkey* brasileiros. Este trabalho fala sobre a vida cotidiana no Japão e identidade dos *Dekasseguís* em trânsito, bem como a trajetória de suas famílias.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, GT 1 Imigração em contextos Nacionais e Internacionais, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

## Introdução

Em 18 de julho 2008 a migração Japão – Brasil completa um século. O Brasil é o país que possui o maior contingente *nikkey* (nipo-descendentes) fora do Japão. A chamada colônia japonesa no Brasil se engajou, desde os anos 80<sup>2</sup>, em um movimento migratório de retorno, denominado *Dekassegui*. Esta expressão é usada pelos japoneses para designar pessoas que se deslocam de seu lugar de origem para trabalhar temporariamente na região industrializada do país (Tóquio, Osaka, etc). Tais deslocamentos se devem à falta de trabalho durante o longo inverno nas montanhosas regiões do norte do Japão, como Hokaido e Sapporo. Entre os japoneses há uma forte carga pejorativa ligada ao termo, porém a expressão foi adotada pelos *nikkey* de vários países que migraram ao Japão, amparados pela lei de imigração dos anos 90<sup>3</sup>.

Minha pesquisa foi realizada com famílias da cidade de Londrina – PR cujos membros se engajaram no movimento *Dekassegui*. Convivi não só com os próprios migrantes que se encontravam na cidade, como com cônjuges e filhos que ficaram. Pude perceber a forma com que a experiência da migração determina uma característica negociação identitária nos *nikkey* ‘*dekassegui*’ quando comparados aos demais *nikkey* brasileiros. Os próprios familiares dos migrantes *dekassegui*s possuem uma visão diferenciada quanto ao pertencimento identitário e a situação um tanto liminar de se viver entre dois mundos tão distantes. As famílias são partes constituintes fundamental das redes transmigrantes, que é justamente a característica de se manter laços de sociabilidade nos dois países. O termo transmigração remete à idéia de uma dinâmica cuja circularidade de pessoas por redes sociais que se ramificam estabelecidas em pelo menos dois países. O transmigrante, ao transpor aspectos da interculturalidade resultante de sua vivência nestes países interliga aspectos das realidades locais, regionais e globais. O fato de haver membros da mesma família vivendo em dois países separados pelo globo cria um fluxo internacional de informações, comunicações, bens, dinheiro, mercadorias e claro, pessoas. Esta rede intensa e viva de sociabilidade se concretizou na sociedade globalizada, criando uma rede de fluxos crescente. No centro desta dinâmica está o transmigrante, que atira sua identidade neste redemoinho que fragmenta e reconstitui seus laços de pertencimento ao longo dos anos. Os familiares percebem que o migrante incorporou hábitos e “manias” japoneses, desde a clássica separação dos calçados para cada ambiente até os padrões de beleza. Estes familiares percebem também, pela experiência daquele migrante, que “a gente

---

<sup>2</sup> Vale recordar a crise econômica pela qual o Brasil passou nos anos 80, como um propulsor da emigração internacional. Neste início houve também uma crise de mão de obra no Japão, pela alta escolarização da população japonesa, que não aceita realizar os trabalhos caracterizados pelos 3k – *kikken*, *kitanai*, *kitsui* – pesado, penoso ou perigoso. A lei para regular esta entrada de estrangeiros surgiu na verdade para restringir a entrada de pessoas no país, selecionando-as etnicamente.

<sup>3</sup> Atualmente há aproximadamente 300.000 brasileiros trabalhando como mão de obra não especializada em fábricas e serviços no Japão. Sasaki (1999) nos apresenta um histórico do movimento *Dekassegui* e a maneira como o *dekassegui* percebe seu pertencimento identitário.

só é japonês aqui, lá a gente é *gaijin*<sup>4</sup>”. Desta forma se tem clara que a negociação identitária em que o transmigrante vive atinge também sua família. É marcante a influência do movimento *dekassegui* nas reconfigurações familiares e nas perspectivas profissionais e educacionais de jovens *nikkey* brasileiros. A saída de um ou mais membros da família cria situações novas às quais a resposta é obtida com criatividade e redistribuição para uma nova configuração. A comunidade *Nikkey* possui uma maleabilidade nas configurações familiares que remete à época da imigração do início do século. Uma das condições desta imigração Japão Brasil era que viessem famílias com pelo menos três adultos para trabalhar na agricultura. Conhecida como a regra das três enxadas por família. A vida atual destas famílias transmigrantes é marcada por sentimentos e emoções como a saudade de quem está distante e o sufoco de ter que assumir sozinha todas as atividades do lar, da burocracia aos reparos na casa, do mecânico à educação dos filhos. Há muitos casos onde os filhos ficam com outros parentes ou mesmo só bastante jovens – conheci filhos de *dekasseguís* que moravam com irmãos ou em repúblicas desde a adolescência. O que chamo aqui de reconfiguração familiar se refere a adaptações que ocorrem, tanto em termos de mudança de residência e coabitação como em termos dos papéis e laços de convivência familiar.

O panorama das histórias familiares a que tive acesso em Londrina compunha um mosaico multicolor de sentimentos e relacionamentos penetrados transversalmente pela experiência transmigrante. Ouvi relatos que iam de casamentos que iniciaram com a viagem:

“- Nós nem chegamos a ter uma casa no Brasil, casamos e fomos direto pro Japão.  
– Ta vendo que chique, nossa lua de mel foi no Japão!  
– Lua de mel! Trabalhando daquele tanto? Ele me levou foi pra trabalhar lá.”

Até histórias de casamentos que utilizam a migração de um dos cônjuges como meio de adiar o divórcio:

“ Porque os japoneses têm aquela coisa, que não pode separar que é uma vergonha... Se estivesse tudo bem não ia embora desse jeito, ou então ia junto!”

De forma ampla obtive relatos íntimos bastante francos e abertos, favorecidos por dois fatores. Um deles são meus traços étnicos e proximidade cultural por compartilhar um pertencimento à colônia nipo-brasileira. Outro ponto foi minha distância relativa com relação à comunidade de Londrina. Apesar de ter parentes em Londrina e ter utilizado como dados relevantes depoimentos de pessoas bastante próximas, como tio e companheiras de meus tios,

---

<sup>4</sup> Termo pejorativo derivado de *gaikokujin* – estrangeiro – cujo *kanji* traz a representação de fora, país e pessoa. Curiosamente foi utilizada pela colônia japonesa no Brasil para indicar os outros que não eram japoneses, desde os italianos e alemães com quem conviviam nas fazendas até os portugueses e brasileiros seus patrões.

o meu não pertencimento às redes locais de sociabilidade me permitiram uma entrada diferenciada em termos de acesso a acontecimentos e pensamentos muito íntimos. Inclusive pessoas que não conhecia anteriormente à minha pesquisa de campo, foram extremamente abertas e sinceras, me revelando informações sobre questões bastante delicadas como casamento, adultério, relacionamentos afetivos, furto, violência doméstica e divórcio.

Dentre as histórias de vida que me foram relatadas selecionei a trajetória de sete famílias para analisar neste trabalho. O primeiro grupo de relatos traz quatro mulheres cuja vida matrimonial foi atravessada pela dinâmica da migração. A questão da educação dos filhos perpassa todos os relatos selecionados. Apresento então a trajetória de dois casais que viveram juntos no Japão e fizeram desta experiência migratória uma parte importante da história de vida em comum. Por fim apresento a trajetória de uma família com muitas especificidades. Uma delas foi a migração da família extensa, que chegou a co-habitar 15 pessoas na mesma casa no Japão. Outra especificidade é o fato desta família se identificar com um pertencimento identitário étnico e cultural não nipônico, mas Utinanchu<sup>5</sup>.

### Migração e Matrimônio

Os depoimentos das quatro mulheres com relação aos seus casamentos e separações ocorreram de forma absolutamente aberta e espontânea, carregados com as mais diversas emoções e sentimentos. Seus relacionamentos revelaram-se fortemente atravessados pela dinâmica migratória. As trajetórias de vida que me foram apresentadas nas conversas sobre o casamento de cada uma destas mulheres revelam histórias conjugais bastante complexas, terminadas em separação. Em nenhuma das histórias poderíamos indicar a migração *dekassegui* como um fato que isoladamente justificaria o fim de seus respectivos matrimônios. O que me fez selecionar estas quatro histórias de vida foi que elas apresentam um fato em comum. A migração *dekassegui* foi pragmaticamente utilizada para protelar a oficialização da separação. A seguir passo a resumir seus relatos de trajetória de vida e suas perspectivas em relação ao movimento *Dekassegui* e suas conseqüências sobre estabilidade financeira, emocional e sobre questões educacionais.

Uma das minhas entrevistadas estava passando por um momento crucial e decisivo na época em que estive em Londrina. Ela me revelou sua vontade de formalizar seu divórcio, porém encontrando resistência de seu marido. Seu esposo havia retornado de uma longa estada no Japão (ao todo 12 anos, intercalada por poucas e breves vindas ao Brasil) e segundo minha entrevistada, em todos estes anos nunca havia permanecido mais de dois meses em

---

<sup>5</sup> *Utinanchu* – povo de *Utina*. *Utina* – antigo reino independente, reconhecido em escritos chineses do ano 690 constituído por arquipélago ao sul do Japão. Este reino foi dominado pelo Japão no século XVIII e passou a ser a província de Okinawa.

casa. Ela afirmou estar sentindo-se perdida, atravessando um momento de grande tensão. A história de seu casamento ilustra a migração utilizada como forma de protelar o fim do relacionamento. Ela relatou ter descoberto que seu marido tinha tido um filho em um relacionamento extraconjugal, um pouco mais velho que a caçula das suas 3 filhas. Ao fazer este relato, ela frisou que apesar de estremecido, seu casamento poderia ter tido outro rumo se não tivessem, como disse, “usado esta válvula de escape que é trabalhar de *dekassegui*”. Ela indicou ter sido a migração *dekassegui* responsável pelo distanciamento emocional entre o casal: “ficamos como estranhos”. Ela afirmou que se não fosse o fato da migração ter esfriado o relacionamento ela ainda iria querer preservar o casamento apesar da existência de um filho de seu marido com outra mulher. Imagino que o depoimento a que tive acesso foi influenciado pelas circunstâncias que envolviam minha entrevistada naquele momento. Ela tinha um namorado, também casado, cuja esposa havia descoberto sobre eles e feito um escândalo. Seu esposo também havia descoberto sobre o relacionamento. Devido a estas questões pendentes e à recusa de assinar o divórcio, a estada do seu esposo se estendia havia 7 meses.

Outras referências foram feitas tanto aos bens materiais adquiridos como aos estudos:

Eu acho que não devia ter existido esse negócio de *dekassegui*, que nem minhas filhas, hoje com vinte e poucos anos já tem propriedade, apartamento, mas não está formada. Antigamente você via foto de formatura da UEL (Universidade estadual de Londrina) só tinha cara de japonês, hoje estão indo pro Japão trabalhar muito cedo, poucos estão se formando. Eu vejo o pessoal se formando e choro, porque podia ser minha filha, um sobrinho. Mesmo que não tivesse bens ainda, era melhor estar se formando.

Das três filhas que tiveram as duas mais velhas também eram *dekasseguis*, tendo ido morar no Japão com o pai desde os 17 e 15 anos. Segundo ela, a mais velha prestou vestibular e nem esperou o resultado, foi logo trabalhar e levou a irmã. Conversei com a sua filha do meio, então com 23 anos, que estava no Brasil fazendo exames de *check-up*, tratamento odontológico e descansando para voltar ao Japão. Ela própria me revelou seu pesar por não ter ainda condições de ficar e fazer uma faculdade. Contou-me que concluiu o ensino médio já no Japão, através do telecurso<sup>6</sup>. Ela encara a faculdade como uma obrigação vinculada à permanência no Brasil, um investimento de custo elevado em termos financeiros para o qual ela precisa guardar mais dinheiro trabalhando como *dekassegui*.

A trajetória de vida desta segunda entrevistada me foi relatada de forma muito aberta. Ela migrou com a filha, na época com 13 anos, idade menor que aquela aceita pelos

---

<sup>6</sup> Trata-se do Telecurso 2000 produzido pela fundação Roberto Marinho e transmitido pela rede Globo de televisão. Após assistir às tele-aulas o candidato recebe e remete as provas via correio. No Japão a transmissão da rede Globo é vendida como TV a cabo por assinatura, e segundo os *dekasseguis*, o preço é elevado.

empregadores do Japão (14 anos). Ela me contou que falsificou a idade da filha nos documentos para que ela também pudesse ajudar financeiramente trabalhando no Japão. Ela me revelou que o que impulsionou sua ida foram os problemas que estava tendo no casamento, além, é claro, da questão econômica. Esta entrevistada não possuía escolaridade suficiente para um salário razoável no Brasil. Comentou que:

Antes de ir ao Japão fazia unhas, hoje em dia o pessoal vem me perguntar se eu vou voltar a fazer unha, mas não quero mais.

É desta maneira perceptível que minha entrevistada estabeleceu a migração *dekassegui* como a sua fonte de renda. Assim fica claro que ela obteve uma estabilidade financeira fruto do seu trabalho no Japão. A certeza de que o trabalho no Brasil não tem retorno, se comparado ao trabalho no Japão é um ponto comum sobre o qual praticamente todos os meus contatos comentaram:

Lá (no Japão) a gente vê o retorno, é imediato, com um mês de salário você pode comprar um carro, aqui você fica pagando por anos.

Esta entrevistada afirmou que o trabalho que ela executava, no *bento-ya*,<sup>7</sup> tinha a vantagem de possibilitar muitas horas extras e não parar durante os feriados japoneses<sup>8</sup>. Após cinco anos de trabalho e economia no Japão, mãe e filha retornaram e minha entrevistada passou uma procuração para o marido cuidar do dinheiro conseguido por elas. Após esta breve estada no Brasil, elas retornaram ao Japão e em dois meses que estava lá ela descobriu que seu marido não morava mais em casa, pois este já tinha se envolvido com outra mulher, que esperava um filho. Com a procuração que tinha ele se apoderou da poupança dela e sua filha. Ela precisou então voltar ao Brasil para oficializar o divórcio, encontrando resistências por parte do marido para tal. A informante enfim concordou em pagar mais uma quantia em dinheiro para que ele assinasse os papéis do divórcio.

A filha desta informante casou-se com um japonês e devido a um incidente ficou traumatizada com o Brasil, não pretendendo voltar<sup>9</sup>. Ela migrou ao Japão muito jovem, e como sua mãe, não concluiu o ensino fundamental. A história de ambas está definitivamente marcada pelo trabalho no Japão. Minha informante declarou que não tentariam mais obter um trabalho no Brasil, mas sim adquirir imóveis. Mesmo assim, afirmou que não é um bom

---

<sup>7</sup> *Bento-ya* são “fábricas” de bento, ou seja, é onde se prepara alimentos para serem vendidos prontos, como uma “marmita”. Não se trata de uma quentinha vendida direto ao consumidor, mas alimentos embalados, prontos para serem consumidos que são distribuídos para outras lojas, como as de conveniência.

<sup>8</sup> No calendário japonês há três feriados, em maio, em agosto e nos primeiros dias de janeiro. Não há férias e o período dos feriados variade 3 a 5 dias. A maioria das fábricas onde os *dekasseguis* trabalham não funciona nestes feriados. Isto faz reduzir a renda nos meses em que há feriado, pois o pagamento é correspondente às horas trabalhadas.

<sup>9</sup> A sua filha presenciou um assalto à agência do banco do Brasil em Londrina, se vendo em meio a disparos de arma de fogo.

negócio alugar casas em Londrina, pois a renda auferida não é suficiente. Portanto já estava planejando seu retorno ao Japão, aproveitando sua estada no Brasil para descansar e cuidar da saúde, afirmando que enquanto a saúde agüentar vai trabalhar como *dekassegui*.

É encontrado no discurso das mulheres que se engajaram no movimento *dekassegui* a referência à importante conquista da independência financeira, que possibilitou a esta mulher se desvencilhar de seu marido, apesar dos percalços pelos quais passou. À primeira vista sua história de vida traz uma separação conturbada, no entanto atualmente minha informante afirma estar vivendo de forma tranqüila. Ela considera que hoje tem as rédeas de sua vida em suas próprias mãos, que vive bem, faz o que quer e de forma alguma estaria melhor se não tivesse migrado ao Japão como *dekassegui*. Mesmo decidida a fazer do movimento *dekassegui* sua fonte de renda, minha informante não pretende romper permanentemente os laços que possui no Brasil. Ela tem amigos, parentes aqui e quer um dia se estabelecer definitivamente com o dinheiro e bens que conseguir juntar. Sua trajetória de vida a caracteriza como uma transmigrante internacional, pois suas redes de sociabilidade se conectam em dois países diferentes e distantes. Ela considera bastante positivo para sua experiência de vida este seu engajamento na dinâmica migratória *dekassegui*. Ela não imputa o término de seu casamento à migração *dekassegui*. Ao contrário, ela afirma que a decisão de migrar para o Japão foi influenciada pela crise conjugal que já vinha vivendo. Considero que seu intuito inicial foi protelar a oficialização da separação. O rumo que a história de seu casamento tomou foi tortuoso, pois seu ex-marido utilizou este adiamento do vínculo matrimonial para se beneficiar financeiramente. No entanto, minha informante diz ter sido a experiência migratória muito gratificante por possibilitar que ela tocasse sua vida em frente, de forma independente.

A terceira trajetória a relatar é a de uma mulher que convivi em Londrina e que teve também sua vida fortemente atravessada pelo movimento migratório *Dekassegui*. Ela vive seu segundo casamento e atualmente está trabalhando como *dekassegui* no Japão, planejando retornar e se fixar no Brasil em breve. Seu primeiro marido era japonês, e segundo ela me contou era o braço direito de seu pai. Este primeiro casamento ocorreu quando ela tinha 16 anos. Quando o casal se mudou para trabalhar, migraram juntos e moraram no Japão por aproximadamente sete anos. Nesta época os três filhos do casal já eram adultos e permaneceram no Brasil. O primeiro marido da minha informante resolveu se fixar no Japão, com o que ela não consentia, pois a sua vontade era voltar ao Brasil. Ela retornou então ao Brasil, afinal seus filhos estavam no país. Ela me revelou que esta distância, com o primeiro marido no Japão e ela no Brasil, a fez sentir-se aliviada, pois durante todo o casamento sofreu agressões por parte dele. Mesmo passando por momentos conturbados e violentos neste

antigo casamento e residindo em países diferentes a separação demorou a ser oficializada. Ela confessou-me que assim distante do ex-marido teve possibilidade de iniciar um novo relacionamento, com o atual marido. Mesmo tendo vivido vários problemas neste primeiro casamento, minha informante só tomou a iniciativa de formalizar seu divórcio com o primeiro marido após a morte do seu pai. E assim minha informante casou-se novamente. Esta última viagem, realizada em 2006 juntamente com o atual marido, foi impulsionada por questões financeiras unicamente. Eles vislumbram a possibilidade de retornar em tempo mais curto que o previsto, pois ele faz massagens como atividade complementar ao emprego em uma fábrica de autopeças. Eles trabalham juntos na fábrica e ela auxilia seu marido nas sessões de massagem. O casal planeja retornar ao Brasil no início de 2009.

Antes da partida esta informante falou bastante da diferença entre se ter um objetivo fixo com um prazo pra retornar ao Brasil e se estender indefinidamente esta volta como pontos cruciais para identificar se a migração *dekassegui* pode estar sendo utilizada como meio de protelar um provável divórcio. Estas considerações da minha informante com relação aos casamentos envolvidos na dinâmica *dekassegui* são baseadas em sua observação direta nos seus amplos círculos de sociabilidade na comunidade *nikkey* de Londrina. Tal diferença entre a definição de prazos e o protelamento é de fato um claro sinal da estabilidade conjugal. Este ponto perpassou todas as histórias de vida que selecionei para esta primeira parte deste trabalho.

Tal dicotomia, entre objetivo de retornar e protelar indefinidamente a fixação no Brasil foi um ponto sobre o qual girou a quarta trajetória que relato. Esta mulher não se engajou no movimento migratório, mas teve sua vida e relações pessoais atravessadas pela dinâmica *dekassegui*. Ela vivia um casamento marcado por discussões, brigas e violência. Seu marido então decidiu mudar-se para o Japão e a deixou sem perspectiva de um retorno, cuidando de 3 filhas pequenas. No momento da pesquisa de campo, ela revelou estar separada na prática há vários anos, porém o divórcio ainda não havia sido formalizado. Ela está hoje em dia vivendo um relacionamento com outro *dekassegui*, que na época das entrevistas deste trabalho se encontrava no Japão. Trata-se do segundo casamento de ambos. Seu atual marido havia se divorciado da primeira esposa em meio à dinâmica *dekassegui*. Ela frisou a diferença de postura dos seus parceiros, afirmando que seu primeiro marido “simplesmente foi” sem ter em mente qualquer objetivo, enquanto seu atual namorado possui um objetivo determinado. Ele migrou para o Japão com o objetivo de trabalhar o tempo suficiente para conseguir dinheiro para comprar uma casa e montar um salão de beleza. Seu tempo de estadia no Japão acabou sendo menor do que o previsto, pois além de trabalhar em uma fábrica de escapamento ele tinha uma renda extra, cortando cabelo nas horas em que não estava no emprego. Atualmente



eles estão morando juntos em uma casa comprada por ele com o dinheiro resultante de quatro anos trabalhando como *dekassegui*. Nesta casa em Londrina funciona o salão dele. Seu companheiro é formado em administração, porém preferiu abrir seu próprio salão de beleza a continuar a trabalhar em empresas.

Estas quatro trajetórias foram narradas a partir do ponto de vista de mulheres que tiveram suas vidas e casamentos marcados pela migração *dekassegui*. As suas famílias podem ser consideradas transmigrantes a partir do momento em que seus membros circulam ao redor do globo. As características que estas famílias apresentam, de seus membros estarem em dois pontos distintos e opostos do planeta e principalmente o fluxo que se cria, interligando níveis globais e regionais de sociabilidade as determinam como famílias transmigrantes. A dinâmica que vive estas pessoas acaba por redefinir papéis e relações familiares. Elementos como a distância, o tempo, a saudade, o grau de comprometimento interpessoal são vivenciados pelas famílias *dekasseguis* transmigrantes propiciando uma gama variada de conseqüências na configuração familiar. Na minha pesquisa encontrei muitos exemplos de reconfigurações familiares, desde adolescentes e crianças que foram morar com avós, tios, madrinhas até mulheres que ficaram sozinhas cuidando das crianças, irmãos que passaram a morar junto para cuidar dos filhos e sobrinhos. Neste trabalho trago à discussão histórias de separações e também histórias de casais e famílias que migraram juntos. A marca, positiva ou negativa da migração *dekassegui* em cada família envolvida é profundamente sentida, pensada e refletida por todos os seus membros. Nas histórias anteriores podemos perceber conseqüências complexas e intrincadas, histórias de vidas ímpares entre as quais o efeito da migração não pode ser generalizado. Para tornar mais detalhado o quadro de trajetórias, vou acrescentar a análise de mais três histórias de vida familiar marcadas pela migração *Dekassegui*. Duas delas provêm de famílias algo diferenciada etnicamente.

#### Casais migram

O primeiro relato de trajetória familiar é de um casal formado por um homem negro e uma *sansei* (neta de japoneses). Esta foi a única conversa que tive com uma pessoa não *nikkey* (descendente de japoneses) no contexto da pesquisa desenvolvida. Sobre a convivência social no Japão o homem declarou que:

A discriminação seria somente no serviço. A primeira vez que eu trabalhei a diferença era enorme. Não a respeito da cor, porque eu sou da raça negra. Eu nunca senti essa discriminação, mas sim discriminação por ser brasileiro. Eles faziam alguma coisa errada no serviço, sempre a culpa do que acontecia era dos brasileiros. Então há discriminação sim.

Um fato interessante é a afirmação de que as amigadas no Japão o ajudaram a aprender o idioma. Tal fato vai de encontro a outras declarações que obtive afirmando que o estabelecimento de relações sociais com os japoneses dependia fortemente do domínio do idioma.

Eu fiz vários amigos japoneses. Como eu sou *gaijin*, então quando eu cheguei no Japão, eu falava muito pouco *Nihon-go*. Pra aumentar esse nível de *Nihon-go* a amizade com eles foi boa, que aí eles iam me corrigindo.

O estudo da língua também foi indicado como um fator que uniu o casal:

Houve mais união lá porque a gente repartia os problemas. A minha esposa falava muito pouco japonês. Aí sim batia uma certa discriminação porque quando você não aprende o serviço, o japonês vem e fala que você é bobo. Se você não aprende a falar japonês, ele fala a mesma coisa, que você é bobo. Na sua cabeça isso não é legal. Então é aí uma discriminação, e eles têm disso. Então isso aí a gente trazia pra casa e a gente conversava. A gente chegava em casa, tinha *hiragana*, *katakana*, ficava estudando, ficava lendo, procurando no dicionário, procurando aprender, nós dois conversando. Então a gente se virava, ficava em casa mesmo. Então isso uniu muito a gente, uniu mais ainda do que já era unido. Foi uma experiência de vida e tanto.

No tocante à relação com o filho do casal, que ficou no Brasil por cinco anos sem ver os pais, meu colaborador afirmou que:

Meu filho ficou rebelde aqui no Brasil. Ele tinha 4 pra 5 anos. No primeiro ano não, no segundo ano, mas no terceiro ano ele ficou rebelde. Ficou rebelde na escola, começou a aprontar, começou a brigar. Ele queria que nós voltássemos né, e isso foi fazendo com que ele ficasse rebelde. Ele ouvia, ele ficou com meus pais, ele ouvia meus pais em casa, mas na rua ele fazia o contrário. Ele queria brigar, começou a aprontar. Na escola começou a mexer com os amigos, sabe, ficou totalmente revoltado. Assim que nós voltamos, começamos a ter contato com ele, algumas vezes ele falava pra nós assim, ah, você não tem o direito de falar isso pra mim, vocês não estavam aqui, vocês não me criou. Então a gente teve que contornar isso. Passado algum tempo ele foi vendo, foi com carinho, tal, começamos a levar ele pra conhecer, mostrar pra ele porque a gente tava lá fora, não era à toa, né. O que a gente havia conseguido comprar, a casa nova, tal. Aí ele foi vendo, com muito carinho ele foi retomando. Aí ele parou de ser rebelde. Mas a gente demorou aí um ano e pouquinho pra mudar a cabeça dele.

Na época em que convivi com ele, conheci sua esposa e filho, então com 14 anos. A família estava aguardando o visto de elegibilidade por parte do consulado japonês no Paraná para em seguida marcar o voo para o Japão, desta vez juntamente com o filho. Meu informante demonstrou profunda gratidão pela oportunidade de morar e trabalhar no Japão:

Olha, pra mim foi muito bom, eu acho que tudo que eu tenho hoje foi devido ao Japão. Então eu gostei muito do Japão, eu gosto muito do Japão. Eu fiquei cinco anos lá, eu morro de saudades de lá. Tem certos tipos de comida que eu adoro de lá, tem horas que bate uma saudade danada de lá. Então eu não tenho

nada contra o Japão. Eu acho que tudo o que eu tenho hoje graças a Deus foi porque estive no Japão. Foram eles que me deram uma mãozinha, me deram um empurrão. Vou retornar de novo até. Eu pretendo retornar lá e ficar mais uns quatro, cinco anos, né. Se eu pudesse, depois desses quatro, cinco anos, eu gostaria de retornar novamente mas mais pra passeio do que pra trabalho. Aí vai depender muito das condições.

A segunda trajetória familiar que relato é de um casal de nisseis. Eles me receberam em sua casa e conversamos de forma descontraída e aberta. O casal iniciou a vida em comum com a migração *dekassegui*, não montando uma casa no Brasil antes disso. Em relação à vida no Japão, afirmaram que o lazer dos brasileiros ocorre na forma de passeios em grupos exclusivos de *dekasseguis*. Obtive depoimentos relatando que os japoneses que trabalhavam junto com os brasileiros nas fábricas não os cumprimentavam se os encontrassem em outros locais. O casal relatou que no *depato* (loja de departamento ou *shopping*) e no supermercado havia funcionários designados para seguir os brasileiros. Eles contaram quando um brasileiro entra na loja se anuncia no alto falante para os funcionários ter cuidado, pois os brasileiros roubam. Eles frisaram que isto ocorreu nas lojas do centro da cidade, que na mercearia pequena do bairro foram muito bem tratados pelo senhor dono desta loja e sua família. Relataram que este senhor os levou para conhecer uma fábrica de cerveja e assistir um show pirotécnico, além de levá-los em casa para conhecer sua família. Apesar dos muitos relatos sobre o pouco convívio entre os brasileiros e os japoneses nas horas de lazer muitos *dekasseguis* frisaram que há diferenças na disposição dos japoneses em conviver com os brasileiros. Tais diferenças dizem respeito à idade e ao tipo de local de origem dos japoneses. Os japoneses mais idosos e provenientes de fora dos grandes centros metropolitanos, segundo os *dekasseguis*, tomam a iniciativa de estabelecer laços de convivência social com os brasileiros. O esposo contou que possui parentes japoneses e que a visitá-los, seus primos de mesma idade não ficavam em sua companhia, saíam com seu grupo de amigos, nunca o convidaram assim ele ficava em companhia do *ojisan*<sup>10</sup>. Ele frisou que os jovens japoneses não tomavam iniciativas de relacionamentos de amizade, o mesmo não ocorrendo com as pessoas mais velhas:

Havia mais interesse por parte dos senhores mais de idade, casados, senhoras, *jitchan*, *batchan*, *ojisan*. Como demonstravam interesse em fazer amizade!

A esposa afirmou que não gostaria de voltar a trabalhar como *dekassegui*:

---

<sup>10</sup> Ojisan – tio. Usado em termos amplos, não apenas para designar irmãos dos pais, mas também senhores aparentados mais distantes como tio-avô. Pode até mesmo ser aplicado para senhores de mais idade que a pessoa que utiliza o termo, sem qualquer vínculo de parentesco mas com alguma intimidade.

Assim, pra trabalhar como *dekassegui* eu não queria voltar ao Japão não. Eu cansava muito, não sei se porque o trabalho era muito puxado na fábrica, ainda chegava em casa e tinha que fazer tudo, lá não tem faxineira, empregada. Mas se for preciso eu encaro novamente.

Ela considera o ritmo de trabalho na fábrica e em casa muito cansativo no Japão, mesmo assim declarou que gostaria de ter ficado um período maior do que um ano e 3 meses que permaneceram, pois teriam obtido mais dinheiro.

Achei que deveria ter ficado mais um bom tempo lá. Mas a gente tem que cair na real que o nosso país é o Brasil, não pode ficar arrependido por ter voltado.

As duas filhas do casal nasceram já no Brasil. No retorno, eles continuaram a tocar o sítio do marido, que havia ficado sob os cuidados de sua família. Atualmente possuem, juntamente com outro sócio, uma agroindústria que fabrica polpa e derivados de frutas. O esposo, na época da entrevista, estava com uma viagem ao Japão programada para o mês seguinte. Esta viagem tinha por objetivo a realização, no Japão, de um curso com duração de três meses na área de agroindústrias, promovido pelo governo japonês.

A experiência deste casal é algo diferenciada de muitas trajetórias familiares marcadas pela migração *dekassegui* em pelo menos dois pontos: o casal decidiu ir junto para iniciar uma vida em comum e conseguiu se restabelecer no Brasil sem maiores percalços. Declararam ter gostado muito da experiência de morar em outro país e que suas amizades se fortaleceram no retorno, o que os faz sentir a diferença entre brasileiros e japoneses no que chamaram de calor humano

#### Família *Utinanchu*

A última trajetória familiar que analiso tem uma peculiaridade interessante. Trata-se de uma família descendente de migrantes provenientes de Okinawa, que compartilhava laços de pertencimento à comunidade *Utinanchu* de Londrina. O termo *Utinanchu* se refere à autodenominação das pessoas que compartilham pertencimento étnico e identitário como o povo descendente direto dos habitantes de Utina. Utina foi um reino independente até o século XVIII, conhecido como a terra da cortesia pela posição de entreposto comercial entre a China, Ilhas formosa (atual Taiwan), Indonésia, Japão. O arquipélago que formava o reino de Utina, conhecido também como Ryukyu foi dominado pelo Japão passando a ser denominado Okinawa. O contato extremamente caloroso e comensal que tive com a família levou-me a investigar mais a fundo, no âmbito da minha pesquisa, a especificidade cultural e étnica *okinawajin*. Com aquela convivência percebi uma construção identitária contrastiva em relação aos *nihonjin*. A família, em conversas bastante informais, declarou que não era

japonesa. Muitos deles propalaram uma maior afinidade cultural e identitária entre eles e os brasileiros. Afirmaram que seus temperamentos expansivos, comunicativos e calorosos tinham origem em uma cultura bem mais aberta historicamente do que a do Japão. Muitos membros da família okinawana citaram a valorização dos laços de família e do carinho entre seus membros como mais uma afinidade entre a cultura *utinanchu* e a cultura brasileira. Este elemento cultural, segundo a família okinawana, os distancia do jeito de ser dos Japoneses, considerados frios, rígidos, que colocam o trabalho e os amigos em precedência com relação à família. Citou-se inclusive o clima subtropical, propício ao cultivo de produtos agrícolas como banana, melão, como um fator que os dotou de um temperamento mais caloroso. Okinawa é um arquipélago ao sul, possui belas praias, constituindo-se no balneário “tropical” do Japão. Ao se referir à postura política histórica do reino de Ryukyu, privilegiando as relações de cortesia e comércio, funcionando como um entreposto marítimo para negócios entre China, Ilha Formosa (Taiwan) e Filipinas, dotou os okinawanos com a característica de serem mais abertos e extrovertidos que os japoneses.

A trajetória desta família okinawana foi transversalmente trespassada pela dinâmica *dekassegui*. O modo como os membros desta família se engajaram nesta dinâmica, porém, me pareceu deveras diferenciado dos demais *dekasseguis* com que convivi em Londrina. Quando estive com eles, muitos membros da família extensa se encontravam trabalhando e residindo no Japão. A maleabilidade desta família extensa se revelou nos arranjos estabelecidos para as co-residências durante a permanência de seus membros separados em pólos opostos do globo. Gravei entrevistas primeiramente com uma família nuclear. Em um momento posterior, a mãe desta primeira família marcou uma conversa entre mim e dois irmãos seus em sua casa. Irmão e irmã, na época da pesquisa de campo, residiam juntos. Ficaram no Brasil cuidando dos filhos e sobrinhos para que estudassem no país. Seus cônjuges se encontravam no Japão, juntamente com outros membros da família extensa. Os informantes desta família me revelaram que na época que residiram no Japão, alugaram uma casa grande para os padrões japoneses. Nesta casa chegou a residir até 15 pessoas da família extensa.

A decisão dos membros desta família nuclear de se fixar no Brasil foi definida pela vontade do filho mais velho cursar a universidade. Ele estava cursando fisioterapia na época da pesquisa de campo em Londrina. A intenção da família era voltar a trabalhar mais um período no Japão após a formatura do filho. Este jovem, então com 22 anos, foi a única pessoa com quem convivi em Londrina que havia estudado na escola regular japonesa. Em nossa conversa tive acesso ao cotidiano escolar no Japão, por meio de revelações interessantes e por vezes curiosas. Ele comentou que cobra-se muito o resultado da aprendizagem, pois mesmo que não aprenda o aluno não terá uma segunda oportunidade para isso. Não há reprovação, as

turmas são formadas de acordo com a idade dos alunos. Ele relatou-me um episódio onde o professor de matemática esbofeteou a turma inteira, em fila, devido a um mau resultado na prova. Revelou-me ainda o papel diferenciado da escola na sociedade japonesa comparativamente ao Brasil. No Japão, a formação moral fica a cargo da escola. Se uma criança ou adolescente não se comportar como esperado, eventuais reclamações são dirigidas à escola, não aos pais. A manutenção da escola tanto em termos de limpeza das instalações quanto na distribuição de lanches e refeições fica a cargo dos alunos. As crianças permanecem na escola em período integral. Em nossas conversas, outro assunto que me fascinou foi sua verdadeira paixão pela cultura de seus antepassados. O interesse deste jovem em aprender a tocar *Sanshin*<sup>11</sup> e a falar *utinaguchi*<sup>12</sup> foi revelado com um tom de preocupação em manter sua cultura viva.

### Identidades

Da experiência dos brasileiros *Dekassegui* em suas inserções nas redes sociais japonesas, apreende-se uma distinção identitária fortemente marcada entre os próprios japoneses, que determinava também a relação destes com os brasileiros. A oposição entre áreas industrializadas e áreas exportadoras de mão de obra no território do Japão delineia construções identitárias contrastivas. Nos locais de trabalho onde se encontravam *Dekasseguis* brasileiros, *Dekasseguis* japoneses vindos das áreas não industrializadas empregados como *Warubaito*<sup>13</sup> e japoneses empregados em regime contratual estável, nascidos na região industrializada, o relacionamento entre estes três grupos distintos era determinado pelo contraste de suas identidades. Os japoneses empregados em regime estável de trabalho não estabeleciam relacionamentos com os brasileiros ou os *dekasseguis* japoneses. A imagem que se vê nos locais de trabalho onde há esta heterogeneidade identitária é formada por pequenos círculos de relacionamento. Nestas chamadas “panelinhas”, segundo meus informantes, se visualizam redes de relacionamentos restritas aos japoneses das regiões mais desenvolvidas. Estas “panelinhas” são grupos de amigos de trabalho que inclusive saem juntos para bares, *karaokê* e *disco*. No ambiente de trabalho, por exemplo, nas horas de almoço ou café quando todos os trabalhadores estão juntos no refeitório, as conversas e amizades ocorrem, segundo

---

<sup>11</sup> *Sanshin* ou *Shamisen* - denominação de um instrumento de corda cujo corpo é revestido de pele de cobra, central nas músicas típicas *utinanchu*.

<sup>12</sup> Denominação do idioma falado pelos *utinanchu* – pessoa natural de Ryukiu ou Utiná, denominação primordial do arquipélago hoje conhecido como Okinawa.

<sup>13</sup> *Warubaito* é o termo utilizado para definir uma relação de trabalho sem vínculo empregatício, a ocupação de uma vaga temporária. Curiosamente, muitos jovens das regiões metropolitanas que desejam manifestar sua não adesão ao sistema social e econômico capitalista japonês tem se empregado somente como *warubaito*. Estes jovens são vistos como rebeldes que não querem assumir a estabilidade de um emprego, uma vez que no Japão é comum e desejável o vínculo do empregado com a empresa durar toda a sua vida.

meus informantes, somente no interior destas “panelinhas”. Nestas situações diárias mesmo o espaço físico, até as mesas que os *dekasseguis*, tanto brasileiros como japoneses, ocupavam era separado<sup>14</sup> dos japoneses contratados em regime estável de trabalho. Talvez isso justifique o fato de haver uma grande quantidade de empregadores que não misturam estes grupos, contratando somente *dekasseguis*. Os laços de amizade e identificação que os brasileiros estabeleciam se davam quase exclusivamente com os empregados *Warubaito* de fora da região central do Japão. Muitos informantes diferenciavam a disposição para o estabelecimento de amizade que tinham as pessoas mais velhas e provenientes das regiões interioranas comparativamente aos jovens japoneses das regiões centrais industrializadas do país.

O ambiente de trabalho das fábricas revela um quadro identitário marcado por contrastes. Este quadro pode ser ampliado para envolver as relações da sociedade japonesa como um todo. Expressões como “os japoneses são como água e óleo, não se misturam” para se referir ao comportamento da maioria dos japoneses em relação aos “de fora”, se aplica também entre os próprios japoneses. Segundo as falas dos *Dekasseguis* brasileiros, as redes sociais do Japão constituem pequenos círculos de amizade e dificilmente incluem pessoas consideradas hierarquicamente inferiores. As diferenças marcantes são delineadas pela oposição entre moderno e atrasado que distingue as vilas montanhosas ao norte e as cidades industriais do centro. Outra distinção fortemente operante no quadro identitário japonês e percebida amplamente por quem vive no arquipélago vai além das diferenças regionais entre os próprios japoneses. Trata-se das diferenças étnicas entre os habitantes de Okinawa e os demais japoneses. A afirmação “*Okinawajin* não é japonês” tem também a sua recíproca por parte dos próprios *okinawajin*, que afirmam não serem japoneses.

A construção identitária contrastiva que envolve japoneses e Okinawanos se transferiu para a colônia nipo-brasileira. Em Londrina há um clube da colônia japonesa chamado ACEL. Há também um clube correspondente formado exclusivamente pelos descendentes de Okinawa chamado ACROL. Um nissei casado com uma descendente de Okinawanos me revelou que sua família impôs forte resistência ao casamento dos dois, porém que no Japão ele não percebeu qualquer discriminação a ela por ser *Okinawajin*, mas sim por ser mulher e brasileira.

De forma ampla, ao perguntar às pessoas sobre o relacionamento entre *okinawajin* e *nihonjin* obtive respostas parecidas quanto à segmentação dos grupos. Conforme depoimento do único *dekassegui* não-*nikkey* com quem convivi durante minha pesquisa:

Eu trabalhei em fábrica onde tinha pessoas de Okinawa, e tinha o japonês de lá mesmo do Japão. Você acredita que eles discriminavam um ao outro?

---

<sup>14</sup> Fukasawa (2002: 66-8) descreve e analisa esta demarcação territorial no refeitório da fábrica onde trabalhou, em Oizumi.

Aquele cara era *Okinawajin* e o outro era *nihonjin*, eles, entre um e outro, eles não se conversavam, eles não tinham afinidade, sabe. Ah, não esse cara é de Okinawa. Ah, Okinawa é meio bagunçado, é meio diferente de nós. E o cara de Okinawa falava a mesma coisa. Eu não sou japonês, eu sou okinawano. Então eles, entre eles, têm essa divergência, sabe.

De forma geral as falas dos *nikkeys* em relação aos Okinawanos se referem ao não pertencimento étnico ao Japão. Comentam-se sobre a cor da pele, mais morena, os cabelos crespos e a língua diferente do *nihongo*. É de conhecimento geral da comunidade *nikkey* o passado de independência política do arquipélago Ryukyu<sup>15</sup>. As primeiras notícias sobre o “reino da cortesia” aparecem em escritos chineses datados do ano 690.

Dos resultados da pesquisa de campo em Londrina, a trajetória de uma família *Okinawajin* destoou do quadro geral das famílias *nikkeys* envolvidas no movimento *Dekassegui*. O próprio contato pessoal que mantive com alguns membros desta família deixou transparecer sensivelmente a forma diferenciada do seu modo de ser. Estes descendentes diretos de *okinawajin* pontuaram várias características identitárias e traços de sua cultura em contraponto com aquelas comuns aos japoneses, em uma fala que tecia laços de identificação com os brasileiros. Como por exemplo, afirmava-se freqüentemente que:

Nós temos o clima tropical, na ilha se cultivava bananas. *Okinawajin* tem mais calor humano mesmo, como os brasileiros. Também temos uma relação familiar muito mais próxima e calorosa que os japoneses.

Na construção do imaginário nacional japonês impera a ideologia da homogeneidade. Assim a imagem Oficial que o Estado Nacional japonês apresenta com relação ao quadro étnico demográfico do país é de uma nação sem diversidade étnica. O posicionamento dos japoneses com relação às minúcias de pertencimento identitário diferenciado se constitui em uma tentativa de invisibilizar toda e qualquer diferença étnica, social e cultural. Esta ideologia da homogeneidade teve papel relevante na história da antropologia japonesa, conforme escreve Ronan Alves Pereira (1999: 73-103). O autor analisa a antropologia Japonesa num esforço investigativo no sentido de visualizar a inserção da antropologia japonesa no quadro que Roberto Cardoso de Oliveira (1988:143-159) chamou de estilos de antropologia, ou seja, pesquisar as especificidades das chamadas antropologias periféricas. Ao longo da análise da trajetória histórica da antropologia japonesa feita por Alves Pereira se percebe que a disciplina mantém o foco do esforço de pesquisa nas formas tradicionais da solidariedade em um contexto de rápidas mudanças. Alves Pereira analisa os estudos dos últimos 40 anos em

---

<sup>15</sup> No século XVIII, sob a expansão imperialista da era Meiji o arquipélago é dominado pelo Japão. Após a segunda guerra Okinawa é mantida sob domínio norte americano, segundo um acordo entre os governos, até a reversão em 1972



Ciências Sociais sobre o Japão. Os autores analisados no artigo de Alves Pereira consideravam a modernização do Japão como sinônimo de ocidentalização. Os intelectuais japoneses do início do século pensavam em termos de um contraste entre a ‘civilização’ ocidental e a ‘cultura japonesa’. Segundo o autor, os estudos na área de Antropologia tratam mais especificamente da questão biológica do homem, são mais próximos à Antropologia física. Assim, as pesquisas que segundo o autor possuem métodos e trata de temas mais próximos à Antropologia social e cultural são as pesquisas do chamado *Nihonjinron*. Semelhantes aos estudos de folclore, os *Nihonjinron* partilham algumas características básicas: acredita-se nos mesmos que os japoneses constituem uma entidade ‘racial’ homogênea social e culturalmente, cuja essência é imutável; tem-se a convicção de que os japoneses diferem de todos os povos porque são fruto de uma sociedade singular, inigualável, distinta de todas as outras sociedades devido ao seu prolongado isolamento; os intelectuais da linha *nihonjinron* são conscientemente nacionalistas e tendem a menosprezar ou hostilizar qualquer análise externa (não japonesa) de sua cultura; a sociedade e a cultura são tidas como uma entidade holística. Ou seja, segundo Alves Pereira(1999: 73-103), os estudos *Nihonjinron* constituem uma ideologia da niponicidade, bastante difundida e adotada como discurso por acadêmicos e políticos.

A leitura do artigo da antropóloga Japonesa Chie Nakane (1982: 52-60) revela como a ideologia de homogeneidade étnica e cultural japonesa influencia o modo de fazer antropologia no país. Segundo o artigo da autora, os antropólogos japoneses realizam pesquisa de campo fora do Japão, pois internamente não há grupos minoritários a serem estudados. É preciso considerar a data da publicação do artigo, 1982, quando se iniciava o movimento *Dekassegui*, para justificar que a autora não saiba que a população *nikkey* ou mesmo outros grupos migrantes estavam firmemente estabelecidos em território japonês. De qualquer maneira Nakane não considera a existência de grupos minoritários como os Ainu<sup>16</sup> e os *Utinanchu* como de interesse para pesquisas antropológicas. No entanto há também autores como Joshua Hotaku Roth (2002), Michael Weiner (1997), George A. De Vos e William O. Wetherall (1983), Takeyuki Tsuda (1999) entre outros, que pesquisaram e escreveram sobre as minorias do Japão num contraste flagrante com a abordagem utilizada por Nakane. Atualmente os chamados *nikkeyjin* (migrantes estrangeiros descendentes de japoneses) são também considerados um grupo minoritário, alvo de discriminações e com isso têm-se tornado foco de pesquisas antropológicas.

---

<sup>16</sup> O grupo Ainu tem status semelhante a dos indígenas na América do Sul. Não possuem direitos territoriais garantidos pela legislação japonesa, uma vez que minorias étnicas não são reconhecidas oficialmente no Japão. Os Ainu foram empurrados para o extremo norte da região de Hokaido, hoje habitam esta região e as Ilhas Sakhalí. Os Ainu possuem língua e cosmologia próprias e é possível visitar museus e “aldeias típicas” Ainu que se tornaram atrações turísticas.

As diferenças identitárias atravessaram o oceano e em um contato com a colônia nipo-brasileira temos acesso a variadas maneiras de se perceber no mundo influenciadas pela experiência *Dekassegui*. Os descendentes dos migrantes que hoje formam a maior população de *nikkeys* fora do Japão possuem identidades algo peculiares neste cenário de fluxos transmigrantes. Ao ter contato com as redes sociais transmigrantes no Âmbito de minha pesquisa de campo pude perceber o modo como estas pessoas negociam suas identidades, possuindo uma perspectiva muito interessante com relação ao seu pertencimento identitário. A experiência transmigrante *Dekassegui* fez com que as pessoas nela envolvida percebam e acionem contextualmente distintos pertencimentos a identidades culturais híbridas marcadas pelos fluxos migratórios circulares ao redor do globo. A colônia *Nikkey* do Brasil mantém fortes laços de identidade cultural com o país de seus antepassados, o Japão. No Japão, o transmigrante se conscientiza de seu pertencimento identitário ao Brasil. Neste trabalho procurei trazer à luz e analisar aspectos subjetivos da identidade transmigrante *Dekassegui*. Desta forma analisei também como as famílias conformam um aspecto fundamental na constituição da rede transmigrante, sendo também as famílias atingidas por essa negociação identitária característica do migrante em seu contato intercultural ao se deslocar numa dinâmica circular entre pólos opostos do globo terrestre. Este fenômeno identitário é profundamente marcado pelos aspectos “globalizados e pós-modernos” do mundo contemporâneo, como a compressão tempo-espço. Esta forma de identificar-se sob o nome comum de *nikkey* apresenta uma gama variada de pertencimentos a sub-grupos específicos internos à grande colônia *nikkey* do Brasil. Por exemplo, o sentimento de pertença ao Japão é muito diferente entre os *dekassegus* e demais *nikkeys* brasileiros. Quando Chegam ao Japão os *dekassegus* nipo-brasileiros tomam plena consciência de que não são considerados japoneses nem mesmo por seus parentes que nunca saíram do Japão. Os *nikkeys* de modo amplo percebem sua diferença em relação aos demais brasileiros, não apenas física, mas também cultural. Esta especificidade cultural opera uma manutenção de laços estreitos de identificação com toda a tradição que se manteve preservada pela colônia japonesa no Brasil. Os *dekassegus* negociam sua identidade e pertencimento ao Brasil e à colônia *nikkey*. Sua experiência transmigrante fixou de forma mais clara o Brasil como seu *homeland*. Este ano de Centenário da chegada do navio Kasato Maru ao porto de Santos tem sido um forte motivo de comemorações dos *nikkeys*. Este pertencimento à comunidade *nikkey* tem sido exaltado. Neste momento de comemorações a identidade deste grupo de transmigrantes tem se reafirmado conectadas a múltiplas referências culturais que se interpenetram. A colônia japonesa no Brasil, ao contrário da primeira intenção nipônica, tornou-se fixa e permanente. A colônia de brasileiros no Japão formada com o movimento *dekassegui* completou o círculo de fluxos ao

redor do globo. O que temos atualmente é um grupo transmigrante com peculiar pertencimento identitário a pontos fixados em lados opostos do globo, que mantém comunicação e laços afetivos permanentes: a colônia *nikkey* no Brasil e colônia *nikkey dekasegui* no Japão. O fluxo de informações, correspondências, encomendas de alimentos, pessoas circulando entre o Brasil e o Japão é bastante intenso.

Segundo Sueli Siqueira (2007) autores como

...Boyd (1989), Massey (1997) e Tilly (1990) tem desenvolvido estudos demonstrando que o fenômeno recente da migração internacional tem em grande parte, sua explicação no estabelecimento de redes sociais... o emigrante leva também a sua identidade étnica. “Alguns elementos de identidade do país de origem são eleitos, negociados e reconstruídos no contexto da migração” (Tilly 1990). A proposta teórica deste grupo de autores é uma análise das migrações internacionais baseada na transnacionalização... Essa análise parte do princípio de que não há uma ruptura definitiva com o país de origem. Os novos imigrantes mantêm vínculos e relações sociais com o seu país, estabelecem uma teia de relações sociais entre o local de origem e destino. Participam da vida familiar, da comunidade e outras instituições em seu país, mas também constroem possibilidades de participação no país hospedeiro. Neste sentido tornam-se transmigrantes, vivem entre dois mundos com hábitos, costumes e valores diferentes, envolvendo assim relações e conexões entre as duas sociedades, entre o local e o global... Vivendo entre o desejo de retornar e o de ficar, a migração não se efetiva, o emigrante não é nem permanente, porque tem sempre um projeto de retornar, faz investimentos na terra natal, mantém contato estreito com os familiares e amigos. Também não é temporário, porque na ambigüidade entre o desejo de retornar e o de ficar, cria relações com o novo mundo e assimila valores e costumes. Torna-se um transnacional.

A tendência é de o fluxo migratório *dekasegui* se estabilizar em uma dinâmica circular de pessoas que não deixam de vir ao Brasil. Nem que seja apenas pra visitar os parentes que ficaram e descansar da pesada carga de trabalho no Japão. Esta característica de múltiplas idas e vindas é peculiar ao movimento migratório *dekasegui* pelo fato de haver lei de migração que possibilita entrar no país com visto de trabalho.

As trajetórias de vida trazidas neste trabalho demonstram a diversidade das formas de viver a migração. Mostram vidas cruzadas pelo deslocamento entre lugares tão distantes que transplantaram através destas vidas um pouco de cada país um para o outro nestes fluxos migratórios bastante determinados pelas situações políticas, econômicas, culturais e sociais que envolvem grupos humanos específicos. É impossível prever que rumo tomará esta dinâmica migratória. Com certeza esta é uma situação irreversível. O estabelecimento da comunidade nipo-brasileira no Brasil ocorreu sob condições nem sempre ideais. A colônia Japonesa no Brasil teve dificuldades em se adaptar ao clima e às péssimas condições de trabalho. Muitas famílias japonesas, no início do século XIX, foram “escravizadas” por dívidas crescentes. O estabelecimento dos nipo-brasileiros no Japão tem sido questionado pela

sociedade. Segundo uma informante os japoneses falam para os *dekasseguis* que quando o Japão estava passando por dificuldades eles o abandonaram e agora que o país está bem, graças aos japoneses que permaneceram, eles querem aproveitar a fluência. As autoridades japonesas se mostram preocupadas com relação à adaptação dos brasileiros às regras sociais e o aprendizado da língua. Segundo Sasaki (2001) tem sido divulgado pela imprensa japonesa dados estatísticos do Departamento de Polícia do Japão referentes ao aumento nos índices de ocorrências policiais de crimes contra o patrimônio como, por exemplo, vandalismos, roubos, furtos, saque a máquinas cometidos por brasileiros. Estes índices se relacionam à questão da educação, pois a faixa etária predominante é dos 14 aos 20 anos. Uma preocupação explicitada pelos membros da comunidade nikkey de Londrina se refere à educação dos Jovens dekassegui e o impacto que isso pode ter na própria colônia. Inclusive a obtenção de ganhos financeiros dos brasileiros no Japão tem influenciado a maneira como os *nikkeys* são vistos pelos demais Brasileiros. Os *nikkeys*, na perspectiva dos demais brasileiros permanecem vinculados ao imaginário de trabalhadores esforçados. Porém com o seu engajamento na dinâmica dekassegui, os *nikkeys* têm sido vistos como privilegiados pela possibilidade de obter um ganho incomparável ao que ganha os trabalhadores pouco especializados no Brasil. Um dado deveras revoltante é o aumento do número de assaltos contra dekassegui, praticado muitas vezes por antigos conhecidos, como a tragédia que aconteceu há alguns anos com uma família *dekassegui* de São Paulo, amplamente divulgado pela mídia. O medo de ser vitimado por assaltos e outros tipos de violência ligada à imagem e realidade social do Brasil perpassou praticamente todas as conversas que travei durante a pesquisa de campo. Por outro lado há também trajetórias de vida mostrando que é possível investir em uma formação profissional no Japão, que pode ser bem aproveitada no Brasil. Conheci uma família de *dekasseguis* que abriu um restaurante japonês no Sudoeste. Alguns de seus membros estudaram gastronomia no Japão nos muitos anos em que lá permaneceram.

No início do movimento *dekassegui*, o ganho possibilitou a muitos migrantes melhorarem suas condições de trabalho e renda no Brasil. As condições desta migração de retorno variaram imensamente, tanto no volume de pessoas migrando como no retorno financeiro obtido pelas mesmas. A vontade de se fixar no Brasil se choca com a situação econômica. Têm sido escassos os casos onde ocorre de fato o permanente estabelecimento no Brasil em condições econômicas melhores que antes da migração. O tempo de permanência no Japão aumentou gradativamente chegando ao ponto de muitos *dekasseguis* decidirem se fixar no Japão. Fazer do trabalho *Dekassegui* seu emprego para a vida toda e passear no Brasil quando puder. Assim temos uma colônia de brasileiros “permanentemente” estabelecidos no Japão, mas que vive a ambigüidade de pertencer identitária e emocionalmente às suas redes

sociais no Brasil. Os vínculos familiares e de amizade dos *dekasseguis* são mantidos e neste sentido considero toda a família e até a colônia *nikkey* no Brasil transnacionais.

Este trabalho analisou trajetórias particulares do fenômeno migratório, buscando analisar as redes sociais, principalmente as famílias *nikkey*, sob um enfoque transnacional. Descrevendo etnograficamente aspectos específicos da dinâmica migratória *Dekassegui* tais como parentesco, relacionamentos pessoais, subjetividades e identidades, o trabalho proporciona acesso a trajetórias peculiares de atores transmigrantes. Trazendo as trajetórias através da voz e percepção dos *dekasseguis* e seus familiares quanto a sua condição migrante o trabalho pretende somar uma perspectiva etnográfica sobre tais especificidades das colônias *nikkey* no Brasil e no Japão às análises das migrações internacionais. A comunidade *nikkey* pode ser considerada uma minoria étnica e cultural, com muitas especificidades, tanto no Brasil como no Japão. A primeira delas é o fato de a sua identidade ser híbrida e negociada relacionalmente a contextos culturais radicalmente diferentes. Em sua inserção em terreno brasileiro, a construção identitária dos *nikkeys* ocorre no sentido de contrastar com os brasileiros tanto seus traços fisionômicos como aspectos culturais como alimentação, modo de vida, valores, relações sociais, familiares. O movimento desta formação identitária *nikkey* percorre uma supervalorização de aspectos ligados ao Japão, desde o aprendizado da língua japonesa como a manutenção de costumes tradicionais. Neste sentido, todo material trazido do Japão para o Brasil adquire um valor simbólico diferenciado<sup>17</sup>. O estabelecimento da comunidade *nikkey* nesta intensa dinâmica migratória *Dekassegui* favoreceu o afluxo de produtos do Japão no Brasil, o que em certo sentido reforça o laço de pertencimento cultural e o elo afetivo da colônia *nikkey* com o Japão. Ao mesmo tempo a colônia *nikkey* estabelecida no Japão acaba por delinear a formação de sua identidade baseando-se em aspectos da cultura brasileira. É comum ouvir relatos revelando que o *nikkey* no Japão passa a valorizar tudo que se relacione ao Brasil, do arroz com feijão ao samba. Há relatos de pessoas afirmando que no Brasil selecionavam o estilo musical, por exemplo, gostavam de rock americano e quando estão no Japão passaram a adorar toda e qualquer música brasileira, inclusive aquelas que eles consideravam de mau gosto, como pagode, *axé music* e música sertaneja. Estas pessoas afirmam que ao ouvir estas músicas brasileiras estando tão distantes de sua terra natal experimentam emoções inimagináveis relacionadas a saudade do lugar que após a experiência *dekassegui* passou a ser definitivamente seu *homeland*. Assim o transmigrante *Dekassegui* permanece vinculado à identidade de ser

---

<sup>17</sup> É notável o fato de ocorrer no Brasil o culto ao Imperador, entoando uma antiga canção japonesa específica para este fim, que não mais ocorre no próprio Japão. A língua japonesa falada no Brasil remete ao período anterior à ocupação americana, não tendo sofrido as influências do inglês, como a contemporânea língua japonesa.

japones no (verdadeiramente “do”) Brasil ao mesmo tempo em que estabelece profundamente o “ser brasileiro” em seu *self* graças a sua vivência imerso na dinâmica transmigrante *Dekassegui*.

## BIBLIOGRAFIA

- BOYD, M. 1986. Family and Personal Networks in International Migrations: Recent Development and New Agenda. *International Migrations Review*. S.1 23(3), p 638-70.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. 1988. “Por uma Etnografia das Entropologias Periféricas”. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Sobre o Pensamento Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, (Biblioteca Tempo Universidade; nº.83), pp.143-159.
- FUKASAWA, M. 2002. **Um Mundo Paralelo** – A Vida da comunidade Brasileira de Oizumi, Japão. Rio de Janeiro: Topbooks Editora. 214 p.
- MASSEY, D. et al. 1997. Migration, Ethnic Mobilization and Globalization: Causes of Migration. In: GUIBERNAU, M and REX, J. (ed). **The Ethnicity Reader: Nationalism, multiculturalism and migration**. UK: Polity Press, p 257-69.
- NAKANE. C. 1982. “The Effect of Cultural Tradition on Anthropologists”. In: FAHIM, H (org.), **Indigenous Anthropology in Non-Western Countries**. Durham, Carolina Academic Press, p. 52-60.
- PEREIRA, R. 1999. Antropologia Japonesa: “Uma Análise Histórica centrada em Yanagita Kunio”. In: **Anuário Antropológico** 97. Rio de Janeiro, Editora Tempo Brasileiro, p. 73-104.
- ROTH, J. H. 2002. **Brokered Homeland: Japanese Brazilian Migrants in Japan**. Ithaca: Cornell University Press. 192 p.
- SASAKI, R. 2001. Alguns Aspectos Jurídicos que Envolvem os Trabalhadores Brasileiros no Japão. In: Anais do Simpósio 15 anos do Movimento Dekassegui: Desafios e Perspectivas. Movimento Dekassegui 15 anos. CIATE. São Paulo: Paulo’s Comunicação e Artes Gráficas, p. 123-33.
- SASAKI, E. 1999. Movimento Dekassegui: a Experiência Migratória e Identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In REIS, R e Salles, T. (org.) **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, p 243-74.
- SIQUEIRA, S. 2007. Migração Internacional e seus Efeitos na Configuração do Desenvolvimento da Cidade de Governador Valadares. In **Revista Neder** 1º semestre 2007. Governador Valadares: Editora Univale.

<http://www.univale.br/servicos/downloads/detalhes/default.asp?idarquivador=9254>

TILLY, C.1990. Transplanted Networks. In YIANS- Mc L. (ed.) Immigration Reconsidered. New York: Oxford University Press, p 79-95

TSUDA, T. 1999. The motivation to Migrate: The Ethnic and Sociocultural Constitution of the Japanese– Brazilian Return-Migration System. In Economic Development and Cultural Change, vol. 48, n° 1, (oct,1999), pp1-31. Chicago: The University of Chicago Press. <http://www.jstor.org/stable/1154689>

WEINER, M. ed., 1997 **Japan's Minorities: The Illusion of Homogeneity**. London: Routledge.

WETHERALL, W. e De VOS, G. 1983. **Japan's minorities: Burakumin, Ainu and Okinawans**. London: Minorities Rights Group